

REFLEXÕES ACERCA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS¹

REFLECTIONS ON IDIOMS

Marina Legroski
Mestre em Letras
Universidade Federal do Paraná
(marinalegroski@gmail.com)

RESUMO: Este trabalho pretende focalizar um fenômeno da língua pouco estudado por abordagens formais: as expressões idiomáticas. Além de apresentar uma breve conceitualização sobre o tema, pretendemos mostrar como essas expressões são categorizadas e tratadas pela literatura, bem como propor testes que avaliem o suposto comportamento “em bloco” que essas expressões apresentariam. Dessa forma, propomos alguns testes morfossintáticos e semânticos para avaliar o tipo de alterações que podem ser feitas nessas expressões sem alteração de significado. Além disso, pretendemos advogar que é possível pensar em um tratamento formal para esse tipo de expressão que não é uma irregularidade na língua, mas um fenômeno sistemático e interessante.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas; Lexicalização; Cristalização

ABSTRACT: This paper focuses on a poor formally accounted phenomenon of language: idioms. Besides presenting a brief conceptualization of the theme, we aim to show how these expressions are categorized and accounted in literature and also propose tests to assess the alleged rigid behavior of these expressions. Thus, morphosyntactic and semantic tests are proposed to assess what kind of changes can be made in these expressions that can maintain their meaning. Furthermore, we intend to argue that it is possible to consider a formal treatment for this type of expression that is not an irregularity in the language, but a systematical and interesting phenomenon.

Keywords: Idioms; Lexicalization, Crystallization.

Os processos linguísticos pelo quais têm origem as expressões idiomáticas e lexias são objeto de estudos de diversas linhas teóricas, cujas abordagens podem ser sincrônicas ou diacrônicas; discursivas, sintáticas, pragmáticas, semânticas e morfológicas. Mesmo dentro de diversos campos de pesquisa dentro da linguística, o que se entende por lexias não parece ser um consenso e é comum que muitos teóricos comecem seus textos explicando que tipo de recategorização do fenômeno pretendem fazer.

Em geral, entende-se por lexia aquele tipo de expressão da língua que é conhecido e compartilhado por uma comunidade de falantes e cuja significação foge ao princípio de composicionalidade semântica. Claudia Xatara, Huelinton C. Riva e Tatiana Helena C. Rios, em artigo intitulado “As dificuldades na tradução de

¹ Bolsista de doutorado da Capes.

idiomatismos”, apresentam a seguinte definição: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (Xatara, 1998, apud XATARA, RIVA E RIOS, 2002:184). Segundo esses autores, para identificarmos uma expressão idiomática, é necessário considerar

A indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado *estável*) (2002, p. 184).

Como vimos, por não estarem de acordo com o princípio da composicionalidade, as expressões idiomáticas são, em geral, alvo de estudo de teorias do significado não formais. Conforme Gross (1982) (*apud* VALE, 1999) “a definição clássica de expressão cristalizada consiste no fato de o seu significado não poder ser calculado a partir de seus componentes (GROSS, 1982)”.

De acordo com Maria Tereza Camargo Biderman, Gross (1982), em um célebre estudo sobre expressões idiomáticas, “nota que os linguistas geralmente atribuíram às expressões cristalizadas (*expressions figées*) um caráter de exceção, de anomalia linguística e não tentavam propor maneiras de tratamento científico para elas” (2005, p. 747). Atualmente, existem estudos a respeito dessas expressões, embora a grande maioria se debruce sobre o ensino de línguas estrangeiras e a confecção de dicionários.

Dentro da linguística formal, portanto, raras são as explicações e análises para este fenômeno, dado que estas expressões parecem precisar de análises que envolvam aspectos interacionais (pela crença de que a significação destas expressões se dá na interação, e não *a priori*), e grande parte das teorias formais parece carecer de ferramentas capazes de englobar esse aspecto, que é, por vezes, deixado de fora como uma escolha epistemológica. Análises morfológicas, sintáticas e semânticas, no entanto, podem ser feitas, desde que observada a natureza multifacetada do objeto.

O objetivo desse trabalho é, portanto, tentar definir o que são lexias, analisar a lexicalização de um conjunto dessas expressões, sua cristalização por meio de testes morfossintáticos e semânticos e tecer considerações sobre a sua significação. Com esses testes, pretendemos avaliar se há alguma flexibilidade

morfossintática e semântica dentro dessas expressões e se é possível considerar que há diferentes graus de cristalização.

Lexicalização

Para este trabalho, utilizaremos a noção de léxico como o inventário de palavras de uma língua. Assumimos, assim como Biderman (2005), que

O léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios (BIDERMAN, 2005, p. 747).

Dessa forma, expressões lexicalizadas, de uma forma ou outra, estão gravadas nesse acervo lexical e podem ser acessadas a qualquer momento pelos falantes, desde que como uma única entrada. Cardoso (2008) afirma que “as expressões lexicalizadas consistem em um conjunto de palavras cujos elementos andam mais ou menos intimamente ligados para denotarem certa ideia” (CARDOSO, 2008, p. 116), ou seja, além de serem acionadas em blocos, possuem certa unidade mesmo que em graus diferentes de ligação interna. Cardoso afirma, ainda, que “a lexicalização pressupõe uma combinação frequente no discurso e se configura como uma escolha em bloco pelos falantes” (2008:116), corroborando o que afirmamos acima.

Cardoso (2008), incorporando o ponto de vista de Pottier (1973), afirma que palavras e lexias estão em níveis diferentes, pois “quando o falante diz ‘quebrar um galho’, ‘bater as botas’, ‘barra-limpa’, ‘pelo amor de Deus’, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de seu repertório lexical” (2008, p. 117). Cardoso afirma, ainda, que “as lexias são formadas ao atingir um grau de aderência tão forte entre os termos que se tornam estáveis como um vocábulo, apresentando, assim, as características essenciais da palavra: a inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas” (2008, p. 118).

Além disso, cabe ressaltar, como Ifill (2002), que “lexias não são átomos cristalizados sem estrutura: elas têm uma estrutura interna significativa, que é

responsável por muito do seu comportamento” (2002, p. 03)² e “que lexias são um aspecto muito importante da língua, e que elas deveriam ser incluídas no léxico” (2002, p. 03)³.

Citando o trabalho de Jackendoff (1997), Ifill afirma que

Uma consequência de admitir as lexias no léxico é que isso as permite ter algum tipo de estrutura interna. Se uma lexia é um listema frasal, ela representa uma unidade linguística – e terá uma estrutura linguística interna: sintática, semântica, morfológica, fonológica (JACKENDOFF, 1997 *apud* IFILL, 2002, p. 06).

Além disso, Ifill afirma que “as lexias são expressões frasais fixas, mas não completamente cristalizadas”⁴ (2002, p. 06), reiterando a possibilidade de olhar para dentro da sua estrutura para buscar entender o que acontece ali.

Pelo fato de ser um processo de cristalização de entradas lexicais e de formação de itens morfológicos (nesse caso, morfossintáticos) por um processo que não a composição nem a derivação, a lexicalização parece ser uma faceta da gramaticalização. *Grosso modo*, a gramaticalização é o processo pelo qual um item lexical se torna um item gramatical, sofrendo, com isso, esvaziamento de sentido, perdas fonológicas, entre outros aspectos. Conforme Castilho (2004),

Tradicionalmente, entende-se por gramaticalização o trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical. Como forma ligada, o item adquire propriedades sintáticas de que não dispunha previamente, sofre a alteração de suas propriedades morfológicas, reduz-se a um afixo, podendo então desaparecer. A seguinte escala linear (ingl. *cline*) capta essa trajetória: *Léxico* > *Sintaxe* > *Morfologia* > *Morfofonêmica* > *zero* (CASTILHO, 2004, p. 982).

Castilho também apresenta a proposta de Givón (1979 *apud* Castilho 2004), para quem a

Pragmática alimenta a Gramática, sustentando que por gramaticalização também se entende o trânsito das estruturas pragmáticas para a sintaxe. Tornou-se famosa sua explicação de que as construções de tópico se gramaticalizam como sujeito. (CASTILHO, 2004, p. 983).

² I will then argue that idioms are not frozen structureless atoms –they do have significant internal structure, which is responsible for much of their behavior. (Tradução minha.)

³ (...)That idioms are a very important aspect of language, and that they should be included in the lexicon.

⁴ We will see that idioms are fixed phrasal expressions, but they are not completely frozen forms.

Dessa forma, esse fenômeno parece transitar numa via de mão dupla: é fenômeno pragmático que, ao mesmo tempo, traz implicações para o léxico.

Na lexicalização de estruturas como ditados populares, por exemplo, podemos perceber modificações de significado (veja-se a perda da composicionalidade) e mesmo perdas fonológicas⁵. Vale (1999) salienta que “se comparamos a gramaticalização com as expressões cristalizadas, notamos que ambos os fenômenos têm em comum o fato de que existe um esvaziamento de significado de seus elementos” (1999, p. 164).

Apesar disso, não podemos afirmar que as expressões lexicalizadas sejam completamente gramaticalizadas, pois, como salienta Araújo, elas “conservam, em geral, uma carga de significado bastante grande para poderem ser consideradas como elementos gramaticais” (1999, p. 165) e, além disso, elas permitem certas modificações internas.

A questão do léxico ser alimentado pela pragmática, como coloca Givón (1979), parece mais produtiva para as lexias do que para os itens gramaticais. Biderman afirma que

O fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável. Acresce ainda que os falantes muitas vezes discordam sobre o grau de cristalização de tais sequências (2005, p. 747).

A principal consequência disso, aponta Biderman, é que “assim, as fronteiras de demarcação do que já está estocado no tesouro lexical da língua e o que é combinatória discursiva são fluidas” (2005, p. 747). Este, de certa forma, é o ponto de vista de Cardoso (2008), quando afirma que

A lexicalização é um processo que se consolida em diferentes graus de fixação ou aderência. Por esta razão, muitos autores preferem usar o termo expressões lexicalizadas, grupo fraseológico a expressão fixas, frases feitas, pois estas últimas noções pressupõem um certo grau de cristalização, que nem todos os grupos apresentam (2008, p. 116).

⁵ Como a história apócrifa da origem do idiomatismo “Cuspido e escarrado”, que originalmente teria sido “Esculpido em Carrara”, ou mesmo da quadrinha popular “Batatinha quando nasce/ se esparrama pelo chão”, que originalmente teria sido “espalha a rama pelo chão”.

É como se o léxico fosse frequentemente alimentado por expressões lexicalizadas provenientes do discurso, embora não seja fácil, como afirmou Cardoso, identificar os níveis dessa cristalização. Um exemplo bastante interessante desse impasse pode ser encontrado em Becker (1975), que tenta organizar as expressões cristalizadas em grupos. Como poderemos perceber na discussão sobre esse texto que será feita adiante, mesmo que se saibam quais critérios foram levados em conta, no limite, as expressões não se ajustam tão bem quanto o esperado. Um parece realmente mais cristalizadas que as outras e é muito difícil encontrar homogeneidade dentro das categorias.

Propostas de classificação e análise das expressões idiomáticas

Pottier (1973, *apud* CARDOSO, 2008, p. 117) propõe quatro categorias diferentes para organizar o léxico. A primeira delas, chamada “lexia simples”, seria composta por itens que se conformam à definição de palavra adotada tradicionalmente na literatura (embora saibamos que a própria definição de palavra já não é consensual). Exemplos dessas lexias simples seriam “árvore”, “sair”, “agora”. A segunda categoria seria a das lexias compostas: duas palavras que compõem um “todo” semântico, ou seja, palavras como “primeiro-ministro”, “pára-brisa”, que coincidem com as definições clássicas de palavras compostas.

A terceira categoria criada por Pottier seria a das “lexias complexas”, *i.e.*, expressões formadas por elementos que não podem ser separados sem que isso acarrete uma mudança do significado não-composicional da expressão. Exemplos de lexias complexas seriam “guerra-fria, mesa-redonda, mortalidade infantil, pôr a mão na massa”. Para o autor, expressões dentro dessa categoria estariam a caminho de serem lexicalizadas. Por fim, a quarta categoria seria a das “lexias textuais”: provérbios, títulos de certas obras compartilhadas por um determinado contexto sócio-cultural, ou qualquer outro tipo de construção que comporte um “enunciado”, como “quem tudo quer, nada tem; muito barulho por nada”, etc.

Essas categorias estão relacionadas tanto à formação das sequências quanto à sua unidade de significado, o que parece nos mostrar mais uma vez que são dois aspectos indissociáveis para esse tipo de expressão.

Outra proposta de classificação é apresentada por Biderman (2005), que cita o trabalho de Corazzari (1992). Segundo Biderman, Corazzari propõe que essas estruturas complexas sejam chamadas de “unidades fraseológicas [UFs]” e que sua identificação é “fundamental para a análise computacional de textos porque elas se comportam irregularmente tanto morfossintática como semanticamente” (2005, p. 750). Da mesma forma que os autores anteriores, Biderman afirma que essas expressões “não se trata[m] de um problema linguístico menor” e que “tais UFs incluem uma vasta gama de combinatórias que foram estudadas superficialmente pelos linguistas teóricos” (2005, p. 750).

De acordo com Biderman, Corazzari define unidades fraseológicas como sendo “sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas” (2005, p. 751). Para Corazzari, portanto, UFs “são sequências de, pelo menos, duas palavras separadas por brancos, hífen ou apóstrofes” que, “embora sejam compostas por mais de uma palavra, (...) se classificam funcionalmente como uma única categoria léxico-gramatical” (2005, p. 750). O comportamento gramatical é uma propriedade interessante desse tipo de fenômeno, já que compostos com N+Adj se comportam como substantivos; expressões que sejam do tipo V+Complemento se comportam sintaticamente como verbos e assim por diante.

Biderman, ainda citando Corazzari, salienta que existem graus diferentes de cristalização nas expressões lexicalizadas, ou seja,

De um ponto de vista sintático, as UF têm graus diferentes de cristalização, isto é, elas resistem a algumas manipulações morfossintáticas (transformações, inserção de modificadores, flexão) e comutações léxicas que são geralmente possíveis com construções equivalentes comuns (CORAZZARI, 1992, p. 05, *apud* BIDERMAN, 2005, p. 751).

Corazzari propõe, ainda, uma classificação triádica das UFs: expressões idiomáticas, colocações e metáforas mortas. Segundo Biderman, “expressões idiomáticas” são aquelas cujo significado total não depende do sentido de cada um de seus componentes, já que são expressões opacas. Ao contrário, as “colocações” seriam semanticamente transparentes e “formadas de itens lexicais que geralmente coocorrem” (2005, p. 751). Por fim, as “metáforas mortas” seriam aquelas

expressões cujo significado metafórico é estereotipado (o exemplo citado pela autora é “ter os pés na cova”).)

Segundo Biderman, outros autores adotam a classificação de UFs e propõem outros tipos de divisão, por exemplo, em

Expressões *fixas*, *semi-fixas* e *variáveis*, dependendo do tipo de modificações morfossintáticas que elas admitem. As *semi-fixas* aceitam variações lexicais e flexões de alguns de seus componentes até um determinado ponto, enquanto as *variáveis* admitem a inserção de modificadores (adjetivos, advérbios) (2005, p. 751).

A autora faz ainda uma breve apresentação de estudos feitos por Gross (1988) e Danlos (1988), no qual o foco são as construções com verbo suporte, um outro tipo de “colocação”. Seriam expressões como “banicar o palhaço; dar um tempo; entregar o ouro; fazer corpo mole; ganhar tempo; ter cara de pau; ter vergonha na cara” (2005, p. 751) Para eles, o verbo parece não ter carga semântica alguma e a significação global parece ser dada pelo complemento do verbo.

Uma última observação é feita pela autora sobre os ditados populares. Para ela, esse seria “o caso mais extremo de unidade complexa e heterogênea” (2005, p. 756). Por apresentar uma grande rigidez, esse tipo de expressão não é entendido como uma sequência discursiva, mas sim como um fruto da cultura, herdada junto com o léxico.

É preciso enfatizar que a questão das EIs [expressões idiomáticas] nos remete ao domínio da norma e não da língua. Assim sendo, [os ditos populares] são aprendidos de cor como se aprende o vocabulário do idioma e eles fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico. Por outro lado, sabemos que estas expressões vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua. (...) Cada termo deste sintagma não conserva sua identidade própria e se torna assim não-analisável. Por essa razão, os constituintes de uma EI como essa se tornam indissociáveis, não permitindo a supressão ou acréscimo de um elemento. As EIs são típicas de uma nação e enraizadas na sua cultura” (2005, p. 56).

Como pudemos ver, as categorizações precedentes tentam classificar sem deixar de lado os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos das expressões lexicalizadas. Mais uma vez nos damos conta de que qualquer tipo de análise dessas expressões que deixe de contemplar um desses aspectos será insuficiente. No entanto, o fato de constituírem uma miscelânea de critérios torna esse tipo de

classificação pouco útil, porque não ajuda na análise dos dados, nem tampouco a solucionar irregularidades dentro das categorias. Além disso, os limites dos critérios são um pouco tênues, o que dificulta a inclusão das expressões dentro das categorias.

Iffill apresenta a proposta de Jackendoff (1997), baseada em um *corpus* que o linguista americano catalogou de um programa de TV, chamado “Roda da Fortuna”. Segundo Iffill, grosseiramente classificados, as expressões se encaixariam nos seguintes grupos: (1) compostos, como “filme **preto e branco**”, ou “**programa de fidelidade**”; (2) lexicais, como “respirar **ar puro**” e “eles tiveram **seus altos e baixos**”, (3) nomes próprios, como **Clint Eastwood**, **Boston**, **Massachusetts**, trator **John Deere**; (4) clichês, como “**mulher de amigo meu pra mim é homem**” ou “**se é seu amigo é meu amigo**”; (5) nomes de canções ou de livros [ou filmes, desde que usados como expressões idiomáticas], como “**Garota de Ipanema**” ou “**Nove semanas e meia de amor**”; (6) citações famosas, como “**Nunca antes na história desse país**”, por exemplo, e (7), frases estrangeiras, como *au contraire* ou *persona non grata*.⁶ Iffill afirma que é o fato de existir um número tão grande de expressões desse tipo a que os cidadãos têm acesso que intrigou Jackendoff. Segundo ele,

Jackendoff (1997) cita uma estimativa de 25.000 para o número total de expressões fixas em inglês (há uma estimativa semelhante para o francês), o que é da mesma ordem de grandeza do número de palavras isoladas no léxico (IFILL, 2002, p. 03).

A proposta de Jackendoff, sustentada por Iffill, é que podemos olhar para a estrutura de uma expressão e entender como se dá seu funcionamento morfológico, sintático e semântico, além de aproximá-las das expressões comuns da língua. Dessa forma, trata-se de não excluir as expressões por serem diferentes, mas tornar acessível um modelo de análise formal para essas expressões. Quanto ao tratamento sintático das sentenças, Iffill apresenta um modelo chamado de “restrição de continuidade”. Para ele, o núcleo de um VP de uma expressão idiomática rege apropriadamente o que virá depois, e o significado da expressão não é dado apenas por esse nó, mas pela soma do VP todo. Isso, em última análise, é o que o modelo X-barrá da gramática gerativa propõe para sentenças não-idiomáticas.

⁶ Os exemplos de Iffill foram adaptados.

E é exatamente essa a proposta, ou seja, se é possível aplicar uma análise formal a esse tipo de expressão, que vem sendo tratado na literatura como marginal, é possível pensar nela como um fenômeno linguístico muito semelhante aos outros.

Testes

Biderman, discutindo os critérios utilizados para a classificação das UFs, afirma que não é um problema simples determinar em que classe as expressões devem ser inseridas e, para tanto, são necessários testes.

Entre construções totalmente cristalizadas (p. ex. bilhete azul, tudo azul) e menos cristalizadas (p. ex. tomar uma decisão/ tomar uma importante decisão, tomar qualquer decisão) e entre EI (p. ex. levar a ferro e fogo) e não idiomáticas (levar em conta, levar em consideração) há muito casos intermediários que mostram graus diferentes de cristalização e de idiomaticidade (2005, p. 756).

Nesse trabalho, não pretendo categorizar as expressões idiomáticas conforme as classificações anteriores, mas discutir brevemente questões morfossintáticas e semânticas das lexias. Para isso, proponho testar algumas dessas estruturas e verificar qual o seu comportamento em diferentes níveis linguísticos. Os fenômenos que pretendo analisar aqui não são todas as expressões lexicalizadas, mas apenas as expressões que constituem um V' (verbos e seus complementos e adjuntos), ou seja, expressões do tipo “bater as botas”, “quebrar a cabeça”, “dar com os burros n’água”, etc. É interessante observar que a diferença entre uma expressão idiomática e uma sentença cristalizada, considerada um dito popular, é que enquanto uma é apenas um V', cujo sujeito é um nó vago, os ditos populares não admitem a variação do sujeito.

Nível morfossintático

Biderman (2005) apresenta um teste, baseado em Xatara (1994), sobre a liberdade que as expressões idiomáticas apresentam no seu nível morfossintático. Para ela, a sintaxe das sentenças cristalizadas “não difere da sintaxe de uma sequência livre” (BIDERMAN, 2005, p. 748).

A fim de verificar a hipótese de Biderman, Xatara e nossa, vamos testar três expressões lexicalizadas e submetê-las a flexões verbais de perfeito, futuro, condicional, presente, gerúndio e imperfeito na tentativa de ver até que ponto a

morfossintaxe dessas expressões pode ser alterada. A escolha desses tempos verbais foi direcionada para que os aspectos iterativo, perfectivo e imperfectivo fossem contemplados. Dessa forma, esperamos constatar o quanto a lexicalização influencia os processos morfológicos e sintáticos.

- (1) Bater as botas
 (a) João bateu as botas.
 (b) O médico disse que João baterá as botas se não parar de fumar.
 (c) Se não quiser bater as botas, é melhor não se arriscar.
 (d) * João bate as botas
 (e) João está batendo as botas.
 (f)* João batia as botas.

- (2) Quebrar a cabeça.
 (a) Maria quebrou a cabeça com o problema.
 (b) Maria quebrará a cabeça com o trabalho de morfologia.
 (c) Se a Maria quebrar a cabeça, quem sabe resolva o problema.
 (d) A Maria quebra a cabeça toda vez para resolver equações.
 (e) Maria está quebrando a cabeça com matemática na escola.
 (f) Maria quebrava a cabeça com problemas de física.

- (3) Dar com os burros n'água.
 (a) Pedro queria arrumar um emprego novo, mas deu com os burros n'água.
 (b) Pedro dará com os burros n'água quando tentar fazer isso.
 (c) Se Pedro der com os burros n'água, eu estarei lá pra apoiar.
 (d) Pedro dá com os burros n'água toda vez que começa um novo negócio.
 (e) Pedro está dando com os burros n'água outra vez.
 (f) Pedro sempre dava com os burros n'água antes de aprender computação.

Há uma liberdade morfológica nas sentenças acima em relação à flexão verbal, ou seja, o sentido das expressões não se altera com a mudança do tempo verbal. No entanto, nos aspectos imperfectivos, ou seja, no presente e no imperfeito, com idéia de continuidade, “bater as botas” perde o sentido não-composicional. Isso se deve, possivelmente, à própria semântica pontual do evento que denota “bater as botas” (ou seja, morrer).

Esse resultado é bastante semelhante ao que propõe Ifill, que afirma que “as diferenças na conjugação dos verbos podem parecer menores a princípio, mas elas são a peça chave da evidência que indica que essas expressões devem ter algum tipo de estrutura interna” (2002, p. 07).

Para investir um pouco mais no comportamento sintático dessas expressões, podemos colocar advérbios encaixados no VP, de modo a testar se a modificação da sintaxe compromete o sentido das expressões.

- (4) Bater as botas
 (a) João bateu muito cedo as botas.
 (b) O médico disse que João baterá aos poucos as botas se não parar de fumar.
 (c) Se não quiser bater depressa as botas, é melhor não se arriscar.
- (5) Quebrar a cabeça.
 (a) Maria quebrou muito cedo a cabeça com o problema.
 (b) Maria quebrará aos poucos a cabeça com o trabalho de morfologia.
 (c) Se a Maria quebrar depressa a cabeça, quem sabe resolva o problema.
- (6) Dar com os burros n'água.
 (a) Pedro queria arrumar um emprego novo, mas deu muito cedo com os burros n'água.
 (b) Pedro dará aos poucos com os burros n'água quando tentar fazer isso.
 (c) Se Pedro der depressa com os burros n'água, eu estarei lá pra apoiar.

Aparentemente, todas as sentenças apresentam o mesmo grau de aceitabilidade. Biderman aponta, também, que algumas expressões cristalizadas sem verbo não sofrem flexão de número, como “comunhão de bens”, “bodas de prata”, “jogo de panelas”, que não podem ser usadas no singular; “linha dura”, “mercado negro”, “queda livre”, que não podem ser usadas no plural; e outras que são híbridas, como “aos pés de/ ao pé de”, “jogo de palavra/ jogos de palavra/jogo de palavras”, etc (2005, p. 753). Como se trata de um teste morfológico interessante, vamos reproduzi-lo com algumas expressões do tipo verbo+objeto e verificar se a flexão de número altera seu significado.

- (7) Ficar a ver navios / ? Ficar a ver navio
 (8) Chegar de mãos abanando / Chegar de mão abanando
 (9) Não entender patavinas / Não entender patavina
 (10) ?Dourar as pílulas/ Dourar a pílula
 (11) Fazer nas coxas / ? Fazer na coxa
 (12) ?Comprar gatos por lebres / Comprar gato por lebre
 (13) ? A dar com os pés / A dar com o pé
 (14) Falar pelos cotovelos / Falar pelo cotovelo
 (15) Deixar as barbas de molho / Deixar a barba de molho
 (16) Chorar as pitangas / ? Chorar a pitanga
 (17) Bater as botas / ? Bater a bota

- (18) Misturar alhos com bugalhos /? Misturar alho com bugalho
- (19) Ir pentear macacos / Ir pentear macaco
- (20) ?Começar com os pés direitos / Começar com o pé direito
- (21) ?Catar milhos / Catar milho

Como pudemos observar, o comportamento flexional observado por Biderman (2005) se repete, porque encontramos VPs que podem ser utilizados nos dois números, VPs que só podem ser utilizados no singular e outros, só no plural. Esse teste serve para reiterar a seguinte observação, feita por Ifill:

Tem sido largamente observado que palavras individuais dentro de uma expressão idiomática não podem ser substituídas por sinônimos e ainda manter a sua leitura idiomática. Isso é o que as qualifica como formas fixas. Na maioria das proposições não-idiomáticas, um falante pode usar sinonímia para criar uma nova sentença com o mesmo significado semântico. Esse não é o caso das lexias (2002, p. 08).

As reflexões que se seguem a esses testes são as comparações com frases chamadas por Biderman de “sequências livres”.

As sequências livres são aquelas em que sujeito e complemento têm distribuição livre, sendo as únicas restrições e coerções as determinadas pela semântica. Inversamente, os sintagmas cristalizados são frases do mesmo tipo, porém, em que um ou vários dos actantes são lexicalmente invariáveis (2005, p. 748).

Além disso, cabem algumas observações a respeito da estrutura sintática das expressões. Segundo Figueiredo Silva (2006:03), “enquanto os elementos de um sintagma podem ser separados por certos processos sintáticos, os elementos que integram um composto nunca podem sofrer qualquer desses processos”. Dessa forma, apresentamos esses testes sintáticos simples, utilizados para diferenciar expressões idiomáticas de palavras compostas, para verificar a cristalização ou não de algumas expressões idiomáticas. O primeiro desses testes é a topicalização:

- (22) A ver navios, João não ficou. / A ver navios, João ficou.
- (23) De mãos abanando, João não chegou. / De mãos abanando, João chegou.
- (24) ? Patavinas, João não entendeu / *Patavinas, João entendeu.
- (25) ?A pílula, Maria não dourou. / ? A pílula, Maria dourou.

Podemos ver que o sentido composicional se perde, principalmente em (24) e (25). Em (22) e (23), se tivermos uma afirmação ao invés da negação, o

sentido composicional se perde também. Além disso, podemos ainda passivizar a sentença, ou seja, transformá-la de voz ativa em de voz passiva:

- (26) ? Os navios ficaram sendo vistos por João.
- (27) * As mãos foram chegadas abanando por João.
- (28) ?Patavinas não foram entendidas por João.
- (29) ?A pílula foi dourada por Maria.

Em nenhuma delas o significado não-composicional é mantido. O mesmo se observa quando transformamos as sentenças em perguntas:

- (30) ? Que navios João ficou a ver?
- (31) ? Que mãos João chegou abanando?
- (32) Que patavinas João não entendeu?
- (33) Que pílula foi dourada por Maria?

Nesses casos, podemos pensar em algum contexto que permita (32) e (33), como se pensarmos que o interlocutor quer saber o que foi, exatamente, que João não entendeu, ou que quer saber que realidade Maria mascarou. No entanto, vemos que a não-composicionalidade do sentido está diretamente ligada ao engessamento da estrutura, ou seja, modificações sintáticas não são permitidas sem que se altere, de alguma forma, seu significado.

No caso dos testes morfossintáticos, a flexão é permitida pelo comportamento do próprio verbo: muitas das expressões possuem VPs infinitivos, e é evidente que esses verbos podem ser submetidos à flexão pela sua natureza sem que se comprometa o sentido não composicional do VP.

Nível semântico

Desde a primeira tentativa de definição das expressões idiomáticas que analisamos nesse trabalho, um critério semântico tem sido trazido à tona: a não-composicionalidade do sentido global da expressão. Ora, como dito anteriormente, esse é um critério semântico, da mesma forma que gramaticalidade é um critério sintático.

Segundo Valle (1999, p. 164), “na construção das expressões cristalizadas pode-se dizer que a maioria esmagadora dos casos parte de uma metáfora”, o que permite a realização de testes semânticos, uma vez que estudos da metáfora são comuns dentro das teorias semânticas e o fato de o princípio da

composicionalidade ter sido violado na significação desse tipo de expressão não significa que análises semânticas não possam ser feitas. Como o objetivo desse trabalho não é fazer análises exaustivas acerca da semântica, mas procurar olhar globalmente para o fenômeno, pretendo apenas desenvolver alguns testes semânticos simples.

No item acima, mencionamos muito rapidamente as características aspectuais dos tempos verbais colocados em teste. No entanto, a estranheza que encontramos no teste (1) se deveu à incompatibilidade do aspecto do verbo com a natureza do evento denotado. O teste, repetido como (34) abaixo, trouxe uma expressão que denota um evento necessariamente télico, enquanto (2), repetido como (35) abaixo, traz um evento sem culminação, que a literatura convencionou chamar “atividade”.

(34) Bater as botas

- (a) João bateu as botas.
- (b) O médico disse que João baterá as botas se não parar de fumar.
- (c) Se não quiser bater as botas, é melhor não se arriscar.
- (d) * João bate as botas
- (e) João está batendo as botas.
- (f) * João batia as botas.

(35) Quebrar a cabeça.

- (a) Maria quebrou a cabeça com o problema.
- (b) Maria quebrará a cabeça com o trabalho de morfologia.
- (c) Se a Maria quebrar a cabeça, quem sabe resolva o problema.
- (d) A Maria quebra a cabeça toda vez para resolver equações.
- (e) Maria está quebrando a cabeça com matemática na escola.
- (f) Maria quebrava a cabeça com problemas de física.

Seria interessante desenvolver testes semânticos que pusessem em foco a não-composicionalidade da expressão e ver em que medida essas mudanças alteram seu significado lexicalizado. Um teste possível seria trocar alguns itens lexicais por outros de significados do mesmo campo semântico para ver se o sentido se mantém o mesmo. (Nesse teste, ignoraremos as categorias lexicais e executaremos a troca no foco da sentença.⁷)

⁷ Foco é um conceito semântico pragmático, que se opõe à noção de escopo. Segundo Meireles e Hardarik (2007:66), “escopo é um conceito semântico que indica o alcance da ação de um operador.” Enquanto foco seria o equivalente do clássico *rema*, e indica “o componente de maior peso em termos de informatividade” (2007, p. 66). Utilizaremos a noção de foco em detrimento da de escopo porque “o foco não é pré-determinado; seu posicionamento está sempre relacionado a um operador semântico ou pragmático” (2007, p. 66).

- (36) Ficar a ver navios /* barcos / * lanchas
- (37) Chegar de mãos abanando / * mãos chacoalhando / * mãos balançando
- (38) Dourar a pílula / *o remédio
- (39) Fazer nas coxas / nos braços
- (40) Comprar gatos por lebres /* gatos por cães / * gatos por coelhos

Exceto por (39), que possui duas possibilidades lexicalizadas, todas as trocas vocabulares foram mal-sucedidas no sentido em que resultam em expressões ou estranhas ou de significado não-composicional (marcamos com asterisco a inaceitabilidade da sentença e não sua agramaticalidade).

Apesar de esses serem resultados esperados para essas expressões, esse tipo de teste pode ser aplicável na tentativa de descobrir se novas expressões estão lexicalizadas ou não, por exemplo.

Considerações finais

Embora os testes que apresentamos não sejam conclusivos sobre o comportamento das expressões cristalizadas, o fato é que estas expressões são fenômenos linguísticos extremamente abrangentes e qualquer tentativa de análise não pode ser feita considerando apenas um de seus aspectos porque, dessa forma, a análise fica incompleta.

Parece evidente que todos os aspectos dessas expressões estão interligados, de forma que é impossível analisar a morfologia sem passar pela sintaxe, ou pensar na sintaxe sem esbarrar na semântica. Mais do que com outros fenômenos da língua, parece difícil isolar qualquer um desses aspectos em detrimento dos outros em se tratando de expressões idiomáticas. Assumimos o mesmo ponto de vista de Valle, que afirma que “o que parece mais desafiador no estudo das expressões cristalizadas é o fato de sua abordagem não poder ficar restrita a apenas um aspecto da língua” (1999, p. 170).

Em relação à manutenção do significado composicional da expressão quando seus níveis morfológicos, sintáticos e semânticos foram alterados, concordamos com Biderman, cujos

(...) testes evidenciam que se pode distinguir entre expressões totalmente cristalizadas e sequências frequentes que podem ser modificadas livremente. Na verdade, as expressões totalmente

cristalizadas não são muito frequentes, sendo comuns os casos intermediários, em que são permitidas algumas modificações morfossintáticas (2005, p. 755).

Iffil (2002) afirma que existe uma analogia possível entre a formação de lexias e a formação de palavras. Para ele, da mesma forma que alguns morfemas não são intercambiáveis por outros, as lexias possuem restrições quanto à troca lexical em seu interior. Segundo ele,

Na palavra *hardness*, o morfema *-ness*, significa, grosseiramente, “a qualidade de ser”, que é aproximadamente o mesmo significado que *-ity* tem, mas os dois certamente não são intercambiáveis, como demonstra a não existência da palavra *hardity*. DiSciullo e Williams (1987) se referem a esse processo como “bloqueio”, no qual a existência de uma palavra com uma certa forma impede outra de ser usada em seu lugar(...). Se as expressões idiomáticas forem realmente lexicais, então talvez seja o mesmo mecanismo que as mantém fixas (ZEEVAT, 1995, *apud* IFILL, 2002, p. 08).

Concordamos quanto a esse aspecto, uma vez que vimos, pelos testes semânticos, que a mudança de itens lexicais dentro da expressão idiomática não permite que o significado não-composicional se mantenha. Além disso, trata-se de um interessante paralelo morfológico que podemos manter entre palavras e lexias.

De fato, os testes que apresentamos não são conclusivos, mas dão conta de afirmar que há uma flexibilidade dentro dessas expressões – relativamente grande nos níveis morfossintáticos e um pouco menor nos níveis semânticos. Nossas reflexões são ainda iniciais para propor um novo tipo de categorização, a exemplo do que os autores acima fizeram; no entanto, pudemos perceber que esse tipo de classificação é bastante complicado e, por misturar demais os níveis linguísticos, pouco útil.

Pudemos perceber que o fato de serem expressões cristalizadas não impede a flexão, nem podemos descartar que, dado certo contexto, qualquer das modificações semânticas que apresentamos possam se tornar perfeitamente aceitáveis. Quanto a esse tipo de expressão, portanto, podemos afirmar que há diferentes graus de cristalização e que elas permitem certa liberdade linguística em seu interior.

Um tipo de teste conclusivo, capaz de diferenciar definitivamente expressões idiomáticas das não-idiomáticas, como poderíamos esperar, parece

impossível se levarmos em conta as considerações feitas por Iffill no que diz respeito à sua estrutura.

Para finalizar, retomo as palavras desse autor:

O'Grady sugere que não há razão para estabelecer uma fronteira rígida entre expressões idiomáticas e não-idiomáticas. Eu concordo com O'Grady. Quando confrontadas com expressões fixas, como clichês ou provérbios, elas frequentemente parecem ter qualidades idiomáticas, e nenhuma linha clara se apresenta de quando uma não pode ser a outra (2002, p. 26).

Talvez esse seja um começo para uma análise formal feita sobre as expressões consideradas não-formalizáveis.

Referências

BECKER, J. The phrasal lexicon. In: SHANK, R. e NASH-WEBBER, B.L. (org.) **Theoretical issues in natural language processing**. Cambridge, MA: Bolt, Beranek e Newman. 1975.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio, Padrão, 1979.

CARDOSO, M. M. O estudo dos sintagmas bloqueados no gênero informe. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XI, Nº 11. CIFEFIL: Rio de Janeiro, 2008. Pp.115-126.

CASTILHO, A. T. O problema da gramaticalização das preposições no projeto 'para a história do português brasileiro. In: **Estudos Linguísticos** XXXIII, p. 982-988, 2004.

GAZZANA, M. A. **A Contribuição Semântica das Partículas nas Verb-Particle Constructions: Um Estudo Sobre "Away", "Out" e "Over" Através da Linguística de Corpus**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, UNISINOS. São Leopoldo.

IFILL, T. **Seeking the Nature of Idioms: A Study in Idiomatic Structure**. 2002. Disponível em http://www.swarthmore.edu/SocSci/Linguistics/Papers/2003/ifill_tim.pdf. Último acesso em 08/02/2010.

MEIRELES, S. e BLUHDORN, H. Negação, prosódia e foco em diálogos do Alemão. In: **Revista Contingentia**, V. 2, No. 2, novembro 2007, 61–72. Disponível em <http://www.ufrgs.br/setordealemao/revista/revista.atual/6%20meireles%20bluehdorn.pdf>. Último acesso em 08/02/2010.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. (2006). Morfologia/capítulo 4. Material instrucional para o curso de Letras-Libras. Florianópolis: CCE/UFSC.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, NUT, v. 8, p. 183-194, 2002.

VALE, O. A. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. In: **Signótica 11**: 163-172. Jan./Dez 1999. p. 164.